

Uma edição modelar

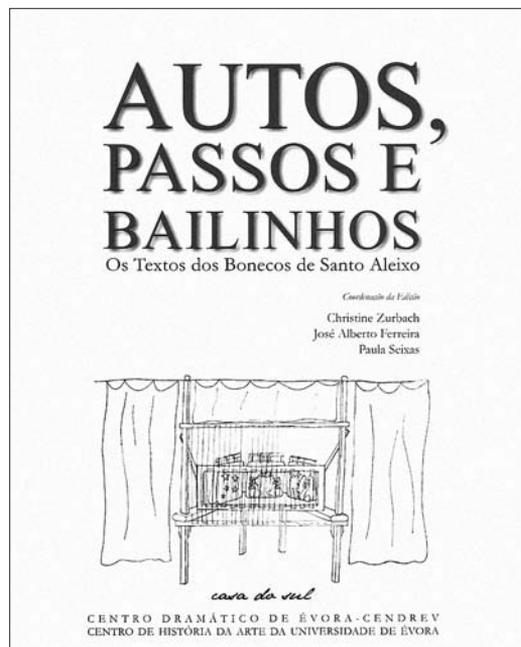
José Manuel Pedrosa

AA.VV., *Autos, passos e bailinhos: Os textos dos Bonecos de Santo Aleixo*, coord. Christine Zurbach, José Alberto Ferreira e Paula Seixas, Évora, Casa do Sul / Centro Dramático de Évora (CENDREV) / Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora, 2007, 315 pp.

A história dos Bonecos de Santo Aleixo (os "títeres" ou "marionetas de Santo Aleixo") perde-se nas brumas do passado de onde procede a maioria das manifestações da cultura mais entranhada e anonimamente oral e popular. Encaminha-se para um futuro que não podemos prever mas que será, sem dúvida, bastante mais luminoso, pois tudo parece indicar que estes bonecos, formosos, nervosos, de voz penetrante e incansáveis saltos, conseguiram agarrar firmemente a posteridade e salvar-se do naufrágio que afogou a maioria dos bonecos seus companheiros do mundo, vítimas de tempos implacáveis, de mentalidades demasiado ocupadas com assuntos importantes, de modos de construir os cânones mais prestigiosos da cultura – e da historiografia da cultura – em que os modestos e precários teatrinhos de bonecos ambulantes não tinham (ou não tiveram até há muito pouco tempo) nenhum lugar.

Tempos houve em que os bonecos e os bonecreiros, nômadas ou sedentários, faziam parte da paisagem visual, sonora e mental de cada povoado de Portugal, da Península Ibérica, de muitos mais lugares do mundo. Épocas em que os teatrinhos seriam improvisados com toda a facilidade e rapidez em qualquer praça ou em qualquer barracão, e em que os seus directores-actores-músicos-jograís (pois tudo isso os obrigavam a ser) deviam abrir, para crianças e adultos de mundos pobres e duros, pequenas e fascinantes janelas para outros mundos, mais amáveis e cheios de gargalhadas e de ficção. Se pudéssemos adequadamente avaliar a presença e o papel social dos bonecos e dos bonecreiros na preservação do fenómeno teatral no mundo (e não apenas na Península Ibérica ou na Europa) e nos séculos passados (não é possível saber quantos), surpreender-nos-ia, por certo, o grau de reconhecimento que seríamos obrigados a creditar-lhes. Em nome não apenas dos estudos de teatro em geral, mas dos estudos de teatro popular em particular, no terem (ou deverem ter) um lugar próprio e relevante, ao menos em nome também de muitíssimos dos nossos hoje esquecidos antepassados sem nome, pois é bem possível que apenas tenham visto um teatro quando alguém montou frente aos seus olhos um teatro de bonecos.

Hoje, o cânone da cultura está em pleno processo de transformação, e o teatro de bonecos está em pleno



processo de ingressar nesse cânone. Mas é demasiado tarde para muitos bonecos e para muitos bonecreiros. A sua maioria caiu na morte dupla e total que supõe terem morrido eles e morrido até os laços mais frágeis da sua memória. O património cultural dos nossos países, dos nossos mundos, sofreu, com isso, uma perda que nunca poderá ser reparada.

Porém, num ou outro caso pontual, sim, chegou-se a tempo e a prova proclamam-na todos os dias os Bonecos de Santo Aleixo, salvos quase milagrosamente da obscuridade e do esquecimento por uma feliz conjugação de circunstâncias em que a sorte e o esforço desempenharam, cada um, o seu papel: grande sorte foi que Mestre Talhinhas, o último "pai" que tiveram, o último titeriteiro autenticamente "tradicional" dos Bonecos de Santo Aleixo, cruzasse completamente a barreira dos noventa anos e que na sua última década e meia de vida (a partir de 1979) encontrasse um grupo de actores e estudiosos do teatro de Évora dispostos a escutá-lo, a aprender com ele, a projectar o seu trabalho no futuro; grande esforço supõe, também, que o velho mestre e, com ele, os seus muito jovens discípulos, convertidos em "padrinhos protectores dos bonecos", conseguissem recuperar ou reconstruir boa parte das palavras, músicas, bailes, tons, ruídos, histórias, sapatadas, indumentária, repertório, iluminação, cheiro a pólvora, bonecos, retábulo, cenários... O espírito e a poética do espectáculo, definitivamente...



Ao actor Alexandre Passos, recentemente falecido, deveu-se o impulso inicial e mais durável deste inestimável trabalho de recuperação, quase arqueológica, dos Bonecos de Santo Aleixo, do seu repertório, da sua filosofia. Ele registou e transcreveu as palavras e as indicações de Mestre Talhinhas. Aos actores do Centro Dramático de Évora que (dirigidos por José Russo) levam hoje, sem descanso, o espectáculo por palcos do mundo inteiro, se deve, basicamente, o seu ingresso pela porta grande no Olimpo (ou seja, no cânone) da cultura teatral de maior e mais internacional prestígio. E a Christine Zurbach, professora da Universidade de Évora, e à sua magnífica equipa de colaboradores académicos (entre os quais se incluem os co-editores deste livro, José Alberto Ferreira e Paula Seixas), deve-se a entrada dos Bonecos de Santo Aleixo no cânone académico e no mundo dos estudos universitários. E, ainda, pela porta grande do trabalho bem feito, das jornadas regulares e periódicas de estudo e reflexão, partilhadas com grandes especialistas internacionais, como John McCormick, historiador irlandês, autor de clássicos como *The Victorian Marionette Theatre*, como Brunella Eruli, directora de la revista *Puck*, e tantos outros especialistas de países diversos, tantas vezes convocados a investigar e a debater em Évora o passado, o presente e o futuro dos Bonecos de Santo Aleixo e do teatro de títeres em geral.

Este livro é o fruto último e o mais maduro, em termos de investigação e difusão, de toda esta operação colectiva. Oferece uma crónica minuciosa de como se desenvolveu toda esta operação de resgate, reflexões profundas e escrupulosas sobre a poética deste fenómeno teatral, bem como uma edição cuidadíssima dos "textos" que lograram ser recuperados do repertório dos Bonecos de Santo Aleixo. Uma edição que por força há-de resultar incompleta, problemática, fria, se a compararmos com o seu modelo vivo, porque não é nada fácil pôr por escrito e dar por autorizada uma versão em tinta e papel daquilo que, nas suas fontes, na sua execução, na sua poética, é um discurso oral e teatral, sujeito aos imponderáveis de cada *performance*, aos tons e variações de cada representação, às improvisações que, pela sua própria norma poética, são introduzidas em cada espectáculo, às perguntas e diálogos, uns dias inofensivos e outros cheios de ironia e até de sarcasmo, que os bonecos estabelecem com cada público... Nenhuma descrição do carnaval pode ser comparável com a própria experiência do carnaval, e esta edição, em papel, é apenas uma fotografia – isso sim, uma fotografia que quer ser fiel e enamorada – não do espectáculo, mas sim dos aspectos mais susceptíveis de reflexão metapoética dos Bonecos de Santo Aleixo.

Se o volume – belamente editado, por certo – fosse acompanhado de um dvd que pusesse ao alcance do leitor-

espectador amostras audiovisuais do espectáculo, o fruto seria sem dúvida muito mais redondo, representativo, pedagógico. Oxalá possamos rapidamente abordar o espectáculo dos Bonecos de Santo Aleixo através não só de reduções textualistas e de reflexões críticas (e autocríticas), mas também de documentos audiovisuais, pois esta será a única maneira possível para quem não podendo assistir em directo a uma actuação chegue a apreciar, com verdadeira qualidade etnográfica, os ingredientes chave da sua poética.

Por ora, este volume oferece duas interessantíssimas revisões, a cargo de Alexandre Passos e de Mário Barradas, do processo de registo e recuperação do espectáculo dos Bonecos. Uma reflexão metateatral, a partir de dentro, dos seus valores performativos, a cargo do director e actor José Russo. Um estudo de José Manuel Pedrosa sobre os vínculos e conexões com a narrativa de tradição oral em que estes *Autos* mergulham as suas raízes. Uma avaliação do repertório e da sua dimensão teatral a cargo de Christine Zurbach. Uma aguda reflexão de José Alberto Ferreira acerca das dificuldades de converter a palavra em texto, de conciliar a variante com a edição. E, finalmente, uma fina análise de Paula Seixas acerca dos aspectos dialectais, dos reflexos da viva voz falada, neste repertório.

À edição dos textos, baseada nas transcrições minuciosas que fez há muitos anos Alexandre Passos, junta-se um minucioso quadro das variantes registadas nas sessões de gravação que Mestre Talhinhas manteve com os jovens actores-manipuladores a quem transmitiu o seu saber.

Resumindo: esta é uma edição modelar – embora não completamente fechada, pois o seu aperfeiçoamento e a investigação continuam em aberto – de textos e estudos de e sobre os Bonecos de Santo Aleixo. O dia em que os investigadores e o público em geral puderem aceder a um registo audiovisual de qualidade, que reflecta também o espectáculo, a *performance* (ou, dito com propriedade, "uma versão" viva e fiel do espectáculo ou da *performance*), os Bonecos de Santo Aleixo poderão ser recebidos por um público muito mais amplo e muito mais atento, como um fenómeno estético, social, cultural, mais vivo, mais próximo, mais deslumbrante ainda. O futuro far-lhes-á, então, a justiça que lhes negou o passado.